

O USO DE TESTES PSICOLÓGICOS: A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Vanessa Manfredini
Irani Iracema de Lima Argimon

Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)
Endereço eletrônico: vanessa.manfredini@puers.br

Resumo

Um teste psicológico é considerado pelos pesquisadores como um instrumento de medida, um procedimento por meio do qual se busca medir um fenômeno psicológico que se deseja observar e investigar. Portanto, o teste psicológico é visto como uma medida padronizada e objetiva de uma amostra comportamental. O presente ensaio temático busca refletir sobre a importância da formação profissional para a fidedignidade dos resultados atingidos na análise do comportamento humano. Além disso, buscou-se explorar também a temática da projeção, analisando principalmente o seu conceito, além de investigar a influência e benefícios dos testes como o Rorschach e Zulliger na área da avaliação psicológica. Nota-se com o estudo que a utilização de testes é um importante e marcante fator de caracterização na história da Psicologia. O conhecimento adquirido com base em testes, uma vez que estes sejam válidos e precisos, é confiável, pois baseia-se em evidências empíricas e não apenas em meras especulações, o que justifica salientar a necessidade de ampliar e aprimorar ainda mais o debate a respeito do uso desses instrumentos.

Palavras-Chave: testes psicológicos, avaliação psicológica, formação profissional

Testes psicológicos: cientificidade dos instrumentos

Os testes psicológicos são instrumentos utilizados na prática do psicólogo e podem fornecer importantes contribuições para a elaboração de um diagnóstico, em um processo de avaliação psicológica. Para que os testes sejam úteis e eficientes, eles devem passar por estudos que comprovem suas qualidades psicométricas, assim como devem atender determinadas especificações que garantam reconhecimento e credibilidade por parte da comunidade científica e de leigos (NORONHA; VENDRAMINI, 2003).

Dentro da categoria intitulada “testes psicológicos” encontram-se uma infinidade de instrumentos, cada um pertencente a uma subcategoria, por exemplo, testes psicométricos e projetivos. Diante disso, questiona-se sobre a importância da formação profissional para a fidedignidade dos resultados atingidos na avaliação psicológica. Pretende-se também através deste ensaio, explorar a temática da projeção, analisando principalmente o seu conceito, a importância da qualificação profissional para a utilização dessas técnicas, além de investigar a influência e benefícios dos testes pouco estruturados como o Rorschach e Zulliger na área da avaliação psicológica. De acordo com o Conselho Federal de Psicologia (2004), os testes caracterizam-se como instrumentos de avaliação ou mensuração de características psicológicas observadas através da manifestação do comportamento. Sendo assim, considerando-se a maneira como as pessoas se comportam nas tarefas, faz-se análise das características psicológicas que o teste busca avaliar. Estes testes auxiliam na Avaliação Psicológica com dados úteis e confiáveis (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2004). As características obtidas a partir dos testes psicológicos devem ser legitimadas através de validação, fidedignidade e normatização dos testes.

Define-se teste psicológico como método de avaliação privativo do psicólogo e regulamenta sua elaboração, comercialização e uso. Para ser considerado um teste psicológico, o instrumento deve ser construído de acordo com os princípios reconhecidos pela comunidade científica, especialmente os desenvolvidos pela psicometria (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2001). E essa é uma evolução importante para a nossa categoria profissional de psicólogo. Podemos, através dessas determinações legais, nos assegurar sobre a confiabilidade dos instrumentos.

Os testes psicológicos têm sido utilizados, juntamente com demais informações obtidas e organizadas pelo psicólogo, como instrumentos na compreensão do problema estudado e como facilitadores da tomada de decisão. No Brasil, por muito tempo tais instrumentos foram rejeitados na prática profissional, uma vez que não atingiam as expectativas dos profissionais, além de não oferecerem uma confiabilidade adequada (NORONHA; VENDRAMINI, 2003).

De acordo com Alchieri e Cruz (2003), os testes psicológicos podem “representar pela medida, uma determinada ação que equivale a um comportamento, e assim, indiretamente, mensurar este aspecto comportamental” (p. 29). Sendo assim, na avaliação psicológica os testes são instrumentos objetivos e padronizados de investigação do comportamento e informam sobre a “organização dos comportamentos desencadeados pelos testes ou de suas perturbações em condições patológicas” (ALCHIERI; CRUZ, 2003, p. 29).

Em 2003, com a Resolução n° 2/2003, o CFP (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2003) define e regulamenta o uso, a elaboração e a comercialização de testes psicológicos. A partir dessa resolução, inventários, testes, escalas, mesmo os estrangeiros traduzidos para o português, só são considerados testes psicológicos em condições de uso se forem aprovados pelo CFP após apresentarem a fundamentação teórica do instrumento, com ênfase na definição do conceito daquilo que se quer avaliar; evidências empíricas de validade e precisão das interpretações; dados empíricos sobre as propriedades psicométricas dos itens; sistema de correção e interpretação dos escores, explicando a lógica do procedimento; procedimentos de aplicação (condição para aplicação) e correção; e desenvolvimento de um manual. No caso de testes estrangeiros, destaca-se que a adequação destes só será possível após estudos com amostras brasileiras.

Concorda-se com Pasquali (2001) quando o autor menciona que os testes são instrumentos que apresentam caráter de legitimidade, ou seja, instrumentos que produzem resultados confiáveis. Com isso, os testes precisam demonstrar embasamento científico e necessitam serem apropriadamente utilizados. “Os testes psicológicos são instrumentos de medida em Psicologia e, como qualquer instrumento de medida devem apresentar certas características que justifiquem podermos confiar nos dados que produzem” (p. 111).

A validação de um teste psicológico (TP) diz respeito ao aspecto da medida ser congruente com a propriedade medida, isto é, o item do teste estar de acordo com o fenômeno que o teste quer medir/avaliar. Devido a isso, validade é uma característica fundamental dos testes psicológicos. A validação legitima as interpretações dadas a partir dos resultados dos testes e está associada ao conjunto de evidências empíricas favoráveis ao significado que se está atribuindo aos itens do teste. O CFP utiliza a proposta de avaliação de um teste psicológico de acordo com Prieto e Muñiz (2000), que apresentam três maneiras de se validar um instrumento: validade de conteúdo, validade de critério e validade de construto.

De acordo com Alchieri e Cruz (2003), a validade de um teste está relacionada à capacidade do mesmo em poder avaliar um comportamento garantindo que se possa medir aquilo que se propõe. Corroborando com as informações de Alchieri e Cruz (2003), Pasquali (2001, p. 112) menciona que “um teste é válido se de fato mede o que supostamente deve medir”. O autor complementa referindo que:

[...] ao se medirem os comportamentos (itens), que são a representação do traço latente, está se medindo o próprio traço latente. Tal suposição é justificada se a representação comportamental for legitimada. Essa legitimação somente é possível se existir uma teoria prévia do traço que fundamente que a tal representação comportamental constitui uma hipótese dedutível desta teoria. A validade do teste, então, será estabelecida pela testagem empírica da verificação das hipóteses. (PASQUALI, 2001, p. 112).

O Conselho Federal de Psicologia utiliza em sua avaliação dos requisitos técnicos de um teste a precisão ou fidedignidade do instrumento. Fidedignidade é a característica que o TP deve possuir de medir sem erros, isto é, o mesmo teste, medindo os mesmos sujeitos em ocasiões diferentes ou testes equivalentes medindo os mesmos sujeitos na mesma situação produzem resultados idênticos ou aproximados. Ou seja, é a partir disso que se pode identificar se a “medida efetuada pelo instrumento pode ser tomada como consistente e não passível de sofrer modificações alheias à manifestação do comportamento” (ALCHIERI; CRUZ, 2003, p. 31).

Diante das condições anteriores realiza-se o procedimento de padronização ou normatização que tem como objetivo o

estabelecimento de normas para a utilização de testes. De acordo com Alchieri e Cruz (2003), uma primeira norma diz respeito à constituição do instrumento como material a ser apresentado, número de páginas, disposição dos itens, etc.; e a outra normatização vincula-se à forma de aplicação do teste, incluindo a idade, escolaridade e a forma a ser aplicado (grupo, individual, etc). Julga-se as condições descritas importantes para a valorização e aplicabilidade dos testes psicológicos. Se hoje as pessoas têm um interesse um pouco maior em aperfeiçoamento e na utilização de testes é devido à evolução na pesquisa.

Acredita-se que todas as mudanças que ocorreram a partir da resolução de 2003 foram significativas para a área da Avaliação Psicológica. Os testes psicológicos validados e padronizados são importantes quando o objetivo relaciona-se a medir o fenômeno psicológico. Porém, em relação à formação profissional, quais as mudanças ocorridas e como pode nos assegurar sobre a veracidade das avaliações tendo em vista a formação profissional? A partir dos próximos subtópicos buscou-se investigar a temática apresentada ressaltando a importância da formação profissional para o uso dos testes psicológicos, além de ampliar a apropriação sobre os testes projetivos, instrumentos esses geradores de fantasias por parte da população em geral, e tidos como instrumentos de poder por quem os utiliza. Outro questionamento importante diz respeito à necessidade de qualificação técnica continuada principalmente diante das técnicas projetivas.

Problemas enfrentados na Avaliação Psicológica

Considerando a importância da Avaliação Psicológica na atuação profissional do psicólogo, identificam-se problemas graves e frequentes no uso dos testes psicológicos, segundo a concepção de psicólogos, fazendo com que a categoria possa refletir sobre a importância da formação profissional para se assegurar resultados fidedignos.

Uma questão importante diz respeito à desqualificação de alguns psicólogos que fazem uso de testes. Nota-se que alguns destes profissionais não se encontram preparados para a utilização dos instrumentos. O uso inapropriado dessas ferramentas leva ao questionamento também da população em geral sobre a veracidade das informações provenientes, por exemplo, de uma avaliação psicológica. Concorde-se com Alves (2005) no momento em que

o autor menciona que em determinadas circunstâncias os testes psicológicos são utilizados como se fossem substitutos fáceis para o entendimento psíquico do indivíduo, sendo por sua vez classificatório e excludente.

Em uma pesquisa realizada, Ana Paula Porto Noronha, discursou sobre “Os problemas mais graves e mais frequentes no uso dos testes psicológicos”. Em seu trabalho os resultados demonstraram que, segundo os psicólogos, os problemas mais graves no uso dos testes psicológicos são os relativos aos próprios instrumentos e ao seu uso e os problemas mais frequentes no uso dos testes psicológicos, segundo os participantes da pesquisa, são os relativos ao instrumento e à formação dos psicólogos (NORONHA, 2002).

A pesquisadora aborda questões importantes a serem discutidas diante da prática de alguns profissionais da Psicologia. Pode-se entender que os problemas encontrados na avaliação psicológica, e em especial nos testes psicológicos, referem-se prioritariamente à formação do profissional que utiliza os instrumentos, às deficiências nos próprios instrumentos, assim como à falta de pesquisas que promovam satisfatoriamente o desenvolvimento da área. Observa-se na prática profissional que psicólogos utilizam esses instrumentos de maneira inadequada, dando margem para dúvidas e incertezas de outras pessoas frente à avaliação.

Segundo a pesquisa desenvolvida de Noronha (2002), concluiu-se que é necessário o estabelecimento de parâmetros específicos para a formação na área. Isso pois,

[...] parece estar claro que tais problemas estão sendo atribuídos ao instrumento, ao uso deles e à formação profissional, e por trás disso, encontra-se o psicólogo, ou mais especificamente, o psicólogo que não cria bons instrumentos, o psicólogo que não os utiliza adequadamente e o psicólogo que não está sendo bem formado. (NORONHA, 2002, p. 140).

Outro elemento importante a ser exposto é a manutenção do uso de instrumentos comumente aprendidos na graduação e o pouco investimento do profissional na sua própria formação teórica e instrumental. Diante disso, propõem-se discussões sobre a formação profissional e o papel dos conselhos para possibilitar o alcance de informações para essa categoria. Julga-se necessário incentivar discussões entre profissionais e disseminar o conhecimento.

Testes projetivos: necessidade de qualificação técnica continuada

Verifica-se a existência de diversos testes que avaliam a personalidade. Fazem parte desses instrumentos psicológicos as técnicas projetivas, como o Zulliger, que será abordado nesse ensaio com uma maior ênfase. Para abordar o tema da projeção, inicia-se ressaltando um poema de Fernando Pessoa que fala que “o poeta é um fingidor. Finge tão completamente que chega a fingir que é dor. A dor que deveras sente”. A projeção é olhar-se no espelho, sem saber que aquilo que vê é a própria imagem. Quando uma pessoa vê refletida no externo as imagens internas ou inconscientes que regem a vida, olha e acha que aquilo que vê pertence ao outro.

Diante do argumento acima, a projeção é um mecanismo de defesa do ego, e geralmente ocorre quando o indivíduo vê nos outros um traço que quer ou tem em si mesmo e então supervaloriza aquilo no outro. De outra forma a projeção é o ato de atribuir a outro ser ou objetos as qualidades, sentimentos ou intenções que se originam em si próprio.

É um mecanismo de defesa pelo qual aspectos da personalidade de um indivíduo são deslocados de dentro deste para o meio externo. A pessoa em estado de projeção pode lidar com sentimentos reais, fora dela. Um teste projetivo tem esse papel, fazer com que a pessoa consiga projetar conteúdos internos em um meio externo, sem ter a consciência plena dos significados envolvidos.

Fazendo uma análise dos acontecimentos históricos que envolveram a evolução das técnicas projetivas, em 1939, L.K. Frank publicou um artigo no *Journal of Psychology* que tinha como título “Os métodos projetivos para o estudo da personalidade”, criando a partir disso, a expressão métodos projetivos para vincular três instrumentos psicológicos: teste de associação de Jung, teste de manchas de tinta de Rorschach e o T.A.T. (Teste de Apercepção Temática) de Murray. Para Frank as técnicas tem a capacidade de investigação dinâmica e holística da personalidade (ANZIEU, 1981).

Pode-se mencionar que as técnicas projetivas obtiveram reconhecimento em consequência de uma necessidade social do século XX, mas até hoje continuam sendo muito utilizadas pelos profissionais que necessitam avaliar pessoas em diversas situações.

Não há dúvidas de que as técnicas projetivas geram dados sobre a estrutura e dinâmica da personalidade, sinalizando com detalhes a qualidade perceptiva do mundo interno e externo das pessoas (WEINER, 2000).

De acordo com Villemor-Amaral (2006), as principais características que compõem os testes projetivos versam sobre o caráter pouco estruturado do estímulo que é apresentado ao indivíduo e a solicitação de que a partir do que lhe foi apresentado consiga exteriorizar algo de seu mundo interno.

A utilidade das técnicas projetivas está no fato de as tarefas solicitadas permitirem liberdade de respostas que abrem espaço para a fantasia, estimulando a projeção de conflitos, angústias e ansiedades de conteúdos internos que estão encobertos, latentes e/ou inconscientes (ANASTASI; URBINA, 2000).

A maior vantagem das técnicas projetivas é o fato de possibilitarem a compreensão do funcionamento psíquico, único e singular, das pessoas, o que inclui compreender os recursos internos e defensivos que são utilizados frente a situações de difícil resolução. As técnicas projetivas apreendem sinais subjetivos e manifestações do inconsciente que não são observáveis diretamente no comportamento, tornando o papel das teorias que estudam a psicodinâmica indispensável durante o processo de interpretação dos dados. Embora esse termo tenha sido utilizado de modo claro na época em que foi introduzido, visto que expressava a ação de projetar conteúdos internos no mundo externo, hoje em dia muitos pesquisadores o consideram equivocado, já que os processos psicodinâmicos envolvidos vão além de uma compreensão centrada somente na projeção como um mecanismo de defesa do ego tal como postulava a psicanálise (ANASTASI; URBINA, 2000).

Corroborando com as informações de Anastasi e Urbina (2000), Villemor-Amaral (2006) acrescenta que o termo projeção em avaliação psicológica encontra-se vinculado a um aspecto do processo de percepção que o relaciona com a dinâmica da personalidade do indivíduo. Portanto, não pode-se considerar um processo puramente objetivo visto que, “toda percepção contém um grau de distorção que é variável e, as variações dependem das infiltrações dos registros das experiências passadas[...]”. “[...] Nenhuma resposta ou atitude de uma pessoa é isenta de conter em si, em maior ou menor grau, algo de sua história, constituindo parte de sua personalidade” (VILLEMOR-AMARAL, 2006, p.81).

O que se torna interessante nas técnicas projetivas é a capacidade de buscar informações no interior da personalidade do indivíduo e, a partir da transposição de um núcleo secreto para um revelador, buscar a leitura e interpretação daquilo que está querendo ser dito. Ou seja, “o que está escondido fica assim iluminado; o latente se torna manifesto; o interior é trazido à superfície; o que há de estável e também emaranhado se desvenda” (ANZIEU, 1981, p. 19).

No método de Rorschach ou no Zulliger, por exemplo, os processos de percepção do estímulo e formação de conceitos ou ideias são fenômenos explorados mais enfaticamente do que os conteúdos projetivos (WEINER, 2000), sendo estes discutidos de modo complementar em uma perspectiva mais qualitativa. O Zulliger vem sendo utilizado, em suas formas de aplicação coletiva ou individual, como instrumento de avaliação da personalidade sempre que os objetivos da avaliação requerem um procedimento rápido e com um número elevado de indivíduos (VILLEMOR-AMARAL; PRIMI, 2009).

Existe uma semelhança grande entre O Método de Rorschach e o Zulliger, tanto no que diz respeito às características do estímulo quanto no que se relaciona ao procedimento de classificação das respostas e análise dos dados. Assim como o método de Rorschach, sofreu alterações em relação à sua forma primeira, conforme seu uso foi se estendendo pelos diversos países e pesquisadores, tendo, contudo, mantido suas características mais originais (VILLEMOR-AMARAL; PRIMI, 2009).

De acordo com Villemor-Amaral e Primi (2009), os princípios gerais que fundamentam o Rorschach e o Zulliger são os mesmos, e suas qualidades como instrumentos para análise da personalidade se baseiam em alguns pressupostos relacionados com os processos psíquicos envolvidos na resposta a um estímulo não estruturado, como é o caso das manchas de tinta.

Atualmente, os pesquisadores que fazem uso dos testes projetivos sugerem o termo “métodos de autoexpressão” como o mais adequado, uma vez que a palavra “teste” visa mensurar o quanto uma pessoa ou grupo possui de determinado traço, estado ou fator, e a palavra método evoca a ideia do processo ou meio utilizado para se gerar informações sobre a personalidade (VILLEMOR-AMARAL, 2006). Da mesma forma, o termo “projeção” tende a ser substituído pelo termo “autoexpressão”, já que as técnicas verbais, gráficas e pictóricas envolvem modos de

expressões distintos, os quais não contemplam necessariamente fenômenos propriamente projetivos. Acredita-se sim que essa terminologia seja a mais apropriada para alguns testes projetivos tendo em vista que em técnicas como o Rorschach e o Zulliger nem sempre existe o mecanismo de defesa projeção como construído por Freud. E diante disso, questiona-se: Por que são intitulados de projetivos? Talvez seja um questionamento a ser pesquisado e explorado pelos profissionais que atuam em avaliação psicológica e em pesquisa. Isso porque, no método de Rorschach ou no Zulliger, reforçando a argumentação de Weiner (2000), a área cognitiva representada pelo os processos de percepção do estímulo e formação de conceitos ou ideias poderão ser melhor explorados e investigados do que os aspectos provenientes da projeção.

Sendo assim, diante da exposição sobre as técnicas projetivas, sugere-se que o profissional que trabalha com instrumentos psicológicos, mais precisamente, as técnicas projetivas reflita sobre a importância da formação continuada. A qualificação técnica é determinante para que a avaliação psicológica atinja o objetivo de beneficiar a todos os envolvidos, promovendo a saúde e o bem-estar psíquico.

Considerações finais

Diante das discussões acima, torna-se importante destacar que a Psicologia em determinados momentos parece se confundir com a aplicação dos testes e, em alguns casos, julga-se que, sem esse tipo de instrumento, o psicólogo não seria capaz de fazer qualquer afirmação científica sobre o comportamento humano. Talvez seja pelo fato das ciências serem conhecidas por suas técnicas que lhes permitem aplicações e resultados visíveis. Assim, consideram os testes como recursos infalíveis para conhecer as pessoas e suas aptidões. Não que esses instrumentos não sejam importantes, mas como salientado anteriormente, os testes são percebidos como grandes instrumentos de avaliação, que nos auxiliam no entendimento do ser humano, mas precisam ser administrados de forma correta e consciente.

O psicólogo deve saber, não apenas as vantagens dos testes, mas, também os limites de sua utilidade e validade. Do contrário, correrá o risco de apresentar diagnósticos falsos, pois estariam baseados em resultados falhos e incompletos. Os testes psicológicos não consistem em uma total garantia nos seus resultados, mas isto

não implica que os mesmos devam ser dispensados, muito pelo contrário. Desde que atendidas as pré-condições de sua aplicação e manuseio, e que o psicólogo examinador tenha conhecimento, domínio da aplicação e da avaliação, os testes se instalam como referencial que elimina boa parte da “contaminação” subjetiva das suas percepções e julgamento.

Além disso, diante da formação profissional (teórica e prática) inclui-se a supervisão como fator complementar de suma importância. É muito válido que os casos, sejam eles da área clínica, escolar, organizacional, etc., possam ser discutidos por mais de um profissional. A supervisão pode ser considerada como um processo de habilitação do profissional. Nesse aspecto, a postura do supervisor deve se fundamentar no estímulo para que o supervisionando possa desenvolver suas habilidades, além de perceber suas dificuldades a fim de que as mesmas possam ser trabalhadas. A experiência e segurança frente às avaliações não são adquiridas instantaneamente, exige uma formação continuada e ininterrupta, mas antes disso requer consciência sobre a responsabilidade diante da prática profissional.

Os testes são de uso exclusivo dos psicólogos que, para gerenciá-los, requer treinamento e conhecimento específicos, uma vez que os testes obedecem a uma série de regras para sua aplicação. Salienta-se a importância de uma conscientização coletiva sobre o uso e aplicabilidade de testes. Se os instrumentos são exclusivos de uso do psicólogo, esse deve garantir os procedimentos na aplicação objetivando a sua validade e a sua condição técnica e científica.

Identifica-se um cenário no qual houve, por um lado, uma diminuição da utilização dos testes psicológicos devido às rigorosas exigências de qualidade e validade dos instrumentos, e por outro, uma conscientização maior por parte da categoria quanto à utilização. Essas medidas impostas pelo CFP trazem uma maior segurança ao profissional que se embasa em seus resultados para tomar decisões que influenciam no direcionamento da vida das pessoas. Considerando o psicólogo como um agente de saúde, essa categoria profissional deverá servir incansavelmente para o crescimento do indivíduo, identificando a potencialidade do ser humano para o seu benefício e desenvolvimento.

Finaliza-se esse ensaio ressaltando a importância da busca de cientificidade dos testes psicológicos e de critérios de padronização. Não significa que nos reduziremos ao que diz Guattari (2005,

p. 16), a profissionais psicólogos, sempre “assombrados por um ideal caduco de cientificidade”, mas buscamos sim, uma avaliação e uma prática consciente, diante de informações conhecidas e difundidas, a fim de utilizarmos a formação em Psicologia para uma análise e interpretação correta do ser humano.

De acordo com Souza Filho, Belo e Gouveia (2006), o conhecimento obtido com o auxílio dos testes, uma vez que estes sejam válidos e precisos, é confiável, pois se baseia em evidências empíricas e não apenas em especulações (ANASTASI; URBINA, 2000), o que justifica salientar a necessidade de ampliar e aprimorar ainda mais o debate a respeito do uso desses recursos, instruindo os psicólogos sobre a importância dos mesmos na sua prática, proporcionando embasamento para a formação profissional e com isso, viabilizando a fidedignidade dos resultados atingidos na análise do comportamento humano. Isso se torna necessário, pois a avaliação psicológica é uma das atividades mais utilizadas no campo da Psicologia, em que a sociedade tem direcionado uma maior importância à questão do comportamento humano, a fim de conhecer o potencial e o funcionamento de cada indivíduo.

Referências

ALCHIERI, João Carlos; CRUZ, Roberto Moraes. **Avaliação Psicológica**: conceito, métodos e instrumentos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. 128 p.

ALVES, Irai Cristina Boccato. A banalização de diagnósticos. **Ciência e Profissão-Diálogos**, v.2, n.3, p.47-49, 2005.

ANASTASI, Anne; URBINA, Susana. **Testagem psicológica**. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. 575p.

ANZIEU, Didier. **Os métodos projetivos**. Rio de Janeiro: Campus, 1981. 296 p.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (2001). CFP aprova duas novas resoluções. **Jornal do Federal**, 5.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. (2003). **Resolução nº 002/2003 e 007/2003**. Disponível em <http://www.pol.org.br>. Acesso em: 29 maio 2011.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. (2004). **Avaliação dos**

testes psicológicos: relatório. Disponível em <http://www.pol.org.br/satepsi>. Acesso em: 29 abr. 2011.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 16. ed. São Paulo: Papirus, 2005. 56 p.

NORONHA, Ana Paula Porto. Os problemas mais graves e mais frequentes no uso dos testes psicológicos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 1, p. 135-142, 2002.

NORONHA, Ana Paula Porto; VENDRAMINI, Claudette Maria Medeiros. Parâmetros psicométricos: estudo comparativo entre testes de inteligência e de personalidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.16, n.1, p. 177-182, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n1/16809.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2011.

NORONHA, Ana Paula Porto; PRIMI, Ricardo; ALCHIERI, José Carlos. Instrumentos de avaliação mais conhecidos/utilizados por psicólogos e estudantes de Psicologia. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 3, p. 390-401, 2005.

PASQUALI, Luiz. **Técnicas de Exame Psicológico TEP**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. 234 p.

PRIETO, Gerardo; MUÑIZ, José. Un modelo para evaluar la calidad de los test utilizados en España. **Papeles del Psicólogo**, n. 77, 2000.

SOUZA FILHO, Marcilio Lira de; BELO, Raquel; GOUVEIA, Valdiney Veloso. Testes psicológicos: análise da produção científica brasileira no período 2000-2004. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 26, n. 3, p.478-489, set. 2006, ISSN 1414-9893.

VILLEMOR-AMARAL, Anna Elisa de. Técnicas Projetivas: O Geral e o Singular em Avaliação Psicológica. In: Sisto, F.F.; Sbardelini, E.T.; Primi, R. (Orgs). **Contextos e Questões de Avaliação Psicológica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

VILLEMOR-AMARAL, Anna Elisa de; PRIMI, Ricardo. **Teste de Zulliger no Sistema Compreensivo - ZSC: forma individual** / Anna Elisa de Villemor-Amaral, Ricardo Primi. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

WEINER, Irvin. **Princípios da interpretação do Rorschach**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

Abstract

A psychological test is considered by researchers as a measuring instrument, a procedure whereby a psychological phenomenon, which needs to be observed and investigated, is measured. Therefore, a psychological test is seen as a standardized and objective measure of a behavioral sample. The present thematic experiment aims at tinging about the importance of the Professional formation for the trustworthiness of the results found on the analysis of the human behavior. Furthermore, the projection thematic was explored too, mainly about the analysis of its concept, besides the investigation of the influence and benefits of tests like Rorschach e Zulliger in the Field of psychological evaluation. It is noted with this study that the utilization of tests is an important and outstanding characterization factor in the history of Psychology. The knowledge acquired based on tests, once they are valid and precise, is reliable, since it is based on empirical evidences and not solely in mere speculations, what justifies pointing out the necessity to increase and improve even more the debate regarding the use of these instruments.

Keywords: psychological tests, psychological evaluation, professional formation